

Monte Moco

Mount Moco

A ilha no céu

The island in the sky

Texto e fotos/text and photos: Brian Fisher

Os picos do Monte Moco erguem-se à nossa frente quando iniciamos a caminhada matinal. Até chegar a Angola esta coordenada não passava, para mim, de um apontamento no mapa russo que comprara. Agora lá estou eu a subir, passo após passo, o trilho que termina no cume da montanha mais alta do país. Quando ultrapasso com os guias a primeira elevação vejo, através da névoa dos prados, as cubatas de adobe das povoações de Canjonje e Ussoque. O calor das batatas doces cozidas que trago na algibeira contrasta com o frio da madrugada, recordando-me que estou a mais de 2000 metros acima do nível do mar.

Ao avançar pelas encostas cobertas de capim sou saudado por uma toupeira gigante (*Cryptomys mechowii*) que defende o seu espaço com dentes salientes e afiados. Quase nada se sabe sobre este estranho animal, apenas que vive em colónias que podem aglomerar mais de 60 indivíduos. Na verdade, desconhece-se quase tudo acerca da fauna e da flora da região. Os sucessivos conflitos armados nos últimos quarenta anos fizeram das terras altas angolanas a derradeira fronteira do continente. Este mosaico estonteante de montanhas e de vida selvagem rara tem sido repetidamente vedado ao conhecimento tanto dos cientistas, como dos turistas.

Foi exactamente o carácter inóspito da região que me despertou a curiosidade em vir até aqui. A perspectiva de conseguir novas descobertas levou-me a partir de São Francisco, Califórnia, em Junho de 2007, e vir até esta zona do interior de Angola. Um dos

The heights of Mount Moco stretched before us as we began our early morning trek. Until arriving in Angola two days ago, Mount Moco had been for me just a point marking a height on the Russian map I had bought. Now I was finally here and on my way up, step by step, along the path that goes up to the top of the highest peak in the country. As my local guides and I cleared the first rise, we could glimpse the mud huts of the towns of Canjonje and Ussoque through the haze of the grasslands. The boiled sweet potatoes in my pockets felt warm as the chill of the early morning wind reminded I was some 2000 m above sea level.

As we made our way through the grass slopes, we were greeted by a giant mole-rat (*Cryptomys mechowii*), using its sharp buck teeth to defend its place on the trail. Almost nothing is known about these strange animals that can live in colonies of over 60 animals. In fact, almost nothing is known about the plants and animals of the entire region. Roiled by one war after another for the last forty years in one of Africa's most bitterly fought-over regions, the Angolan highlands are the continent's last true frontier: a stunning mosaic of mountains and rare wildlife that has been repeatedly closed to scientists and tourists alike.

It was precisely the stark nature of the region that aroused my curiosity. Fueled by the prospect of making new discoveries, I left San Francisco, California, in June 2007 to explore Angola's highest mountain. One of my aims was to find an insect, an ant of the genus *Ecphorella*, that was last collected in the region in 1905.

objectivos era encontrar um insecto – formigas do género *Ecphorella* – recolhido pela última vez na região em 1905.

Rodeadas por um mar de calor e humidade tropicais, as terras altas angolanas estão cobertas por savanas e bosques húmidos intervalados por extensões de prados e pradarias. Vastas colinas de contornos suaves aglomeram-se e sobrepõem-se, culminando no ponto mais alto do país, o Monte Moco. Aqui, a 2620 metros de altitude, as pradarias dão lugar a pequenas manchas florestais de árvores perenes, que ocupam as ravinas profundas e os vales remotos. Profundos e muito desgastados, os solos da serra são formados por rocha precâmbrica com mais de 600 milhões de anos.

As florestas destas zonas montanhosas têm um grande interesse para os cientistas. São tudo o que resta de um habitat florestal húmido que se formou num passado longínquo, quando as condições climáticas eram mais favoráveis. Alguns animais e plantas que aqui habitam não subsistem em qualquer outro lugar. Por sua vez, espécies e sub-espécies como o *pipit* de bico comprido (*Anthis similis moco*) e o *chat* montês (*Oenanthe monticola nigricauda*) só se voltam a encontrar a mais de 2000 quilómetros, nas montanhas de Fernando Pó, Camarões, Ruvenzori, Tanzânia, Etiópia e Malawi. Tal facto deve-se ao isolamento a que as montanhas ficaram sujeitas depois do clima do sudoeste africano se ter tornado mais seco.

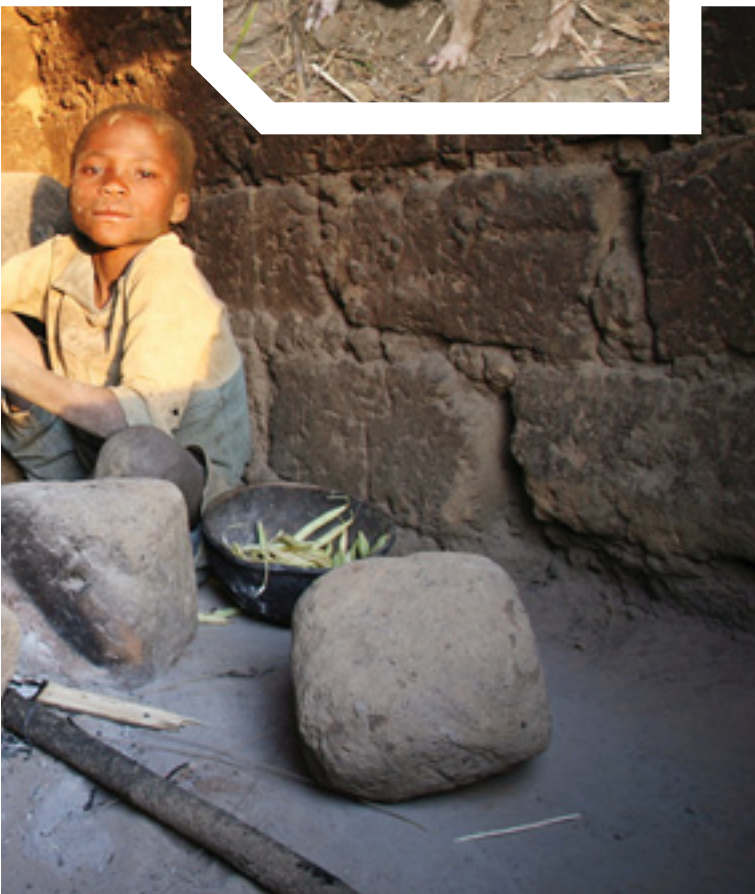
Assente nestes solos profundos e envolta num clima ameno, cresceu a segunda maior cidade angolana, o Huambo. Apesar da proximidade a uma zona urbana, a riqueza das montanhas tem sido mal explorada e ainda não se delimitou qualquer zona de protecção ambiental. Comparando a dimensão actual das manchas florestais, com fotografias tiradas nos anos 70, verifica-se que as áreas mais próximas das aldeias estão gravemente degradadas. As que restam são como câmaras escuras, quando comparadas com a planície aberta.

Esta zona já foi até identificada como sendo um dos ecossistemas angolanos mais vulneráveis ao impacto das alterações climáticas. As previsões não são muito animadoras: a tendência para o aquecimento irá empurrar a floresta Monte Moco acima, até um ponto em que as plantas e os animais deixarão de ter lugares frescos onde se refugiar. Tal como os glaciares mundiais em vias de desaparecimento, estas pequenas florestas podem não continuar a existir por muito mais tempo.

O ar fresco da montanha intensifica-se quando chego ao cume do Monte Moco. É meio-dia. Partilho a vista com um grupo de antílopes (*Redunca arundinum*) que pasta por entre os afloramentos rochosos. Recolho muitas novas espécies de insectos enquanto enxoto constantemente as furiosas formigas *driver*, que trepam pelas minhas pernas.

Enquanto olho a paisagem e as aves raras que por aqui habitam, reafirmo a certeza que o Monte Moco deveria ser colocado no topo da lista de prioridades para fins de conservação. Quando o turismo se tornar numa força maior da economia angolana, espero que outras pessoas possam partilhar uma parte da magia desta montanha. Aliás, poderei estar entre os primeiros a regressar – estou já a planear a minha segunda viagem para procurar a formiga rara que não encontrei desta vez.





The Angolan highlands, surrounded by a sea of tropic heat and moisture, is home to moist savannas and woodlands interspersed with open grasslands and meadows. These vast, gently undulating hills, however, rise to become the tallest points in the country, including Mount Moco at 2,620 m. On these high mountains, the grasslands give way to a networks of small evergreen forest patches restricted to the mountains' deep ravines and remote valleys. Made of Precambrian rock dated at more than 600 million years old, the mountain chain's soils are deep and highly weathered.

Angola's mountain forest are of great interest to scientists. They are the sole surviving relics of a much larger moist forest habitat that spread during more favourable past climatic conditions. A few species and subspecies found in the Angolan montane forests live nowhere else. A number of bird subspecies, such as the long-billed pipit (*Anthus similis moco*) and mountain chat (*Oenanthe monticola nigricauda*) are only found here and more than 2,000 km away, separated from their nearest relatives in the mountains of Fernando Po, Cameroon, Ruwenzori, Tanzania, Ethiopia, and Malawi. They are thought to have evolved here after southwestern Africa's climate became drier and the highlands became isolated from other forest patches.

The cool climate and deep soils of the region have made it the home of Angola's second largest city, Huambo. Despite this proximity to an urban area, the mountains' richness has been poorly explored and no protected areas exist in the region. A comparison between the current size of forest patches and photographs from the 1970s shows that the areas closest to the villages have become seriously degraded. Those that remain are like dark chambers set against the open high plains.

The region has been identified as one of the most vulnerable in Angola to the impacts of climate change. The forecasts are not very encouraging. The warming trend will push the forest higher up on Mont Moco until there the plants and animals have no cooler place to retreat. Like the world's receding glaciers, these montane forest patches may not be here for much longer. Inhaling the cool mountain air, we reached the summit of Mount Moco by noon. I shared the view with a group of reedbeek (*Redunca arundinum*) grazing between the rocky outcrops. I collected many new insect species and fought off angry driver ants as they climbed up my legs.

As I look at the landscape and the rare birds that live here, I become ever more sure that the Mount Moco region should rank at the top of Angola's conservation priority list. As tourism becomes a larger force in the economy, I hope others can share a dose of this mountain's magic. In fact, I may be among the first to return; I am already planning my second trip to seek the rare ant I didn't find this time.